



Mais



Aprendeu a nadar aos quatro anos e nessa altura queria filmar debaixo de água. Acabou por desistir da biologia marítima e canalizar a criatividade para a pintura “por causa da timidez”. Nuno Lopes, de 34 anos, diz que se perdeu um “péssimo pintor”. Depois foi para o Conservatório e hoje, além de trabalhar em teatro, cinema e televisão é dj

# Nuno Lopes. “Se me agrada um filme que fiz, não me importo que desagrade a 80% das pessoas”

Francisco Xavier, um sargento ao seu serviço em “As Linhas de Wellington”, que se estreia hoje

MARIA RAMOS SILVA (Texto)  
mariarsilva@ionline.pt  
MANUEL VICENTE (Fotografia)  
manuel.vicente@ionline.pt

Queria ir ao fundo do mar para o filmar. Hoje passa a vida a ser filmado a ir ao fundo de si. Jacques Cousteau não desdenharia do currículo no teatro, na televisão e no cinema em que Nuno Lopes, de 34 anos, foi mergulhando de cabeça, com o critério da escolha a manter-se sempre à tona. Depois de “Linhas de Wellington”, regressará em breve aos ecrãs com “Operação Outono”, o novo filme de Bruno de Almeida. Na RTP estará ao lado de Bruno Nogueira e Ricardo Waddington em “Odisséias”. Para o ano volta ao teatro com o grupo que o une a Marco Martins, Gonçalo Waddington e Beatriz Batarada, o Arena Ensemble.

**Dizia que já tinha visto o filme três vezes. Mudou muito a percepção entre o primeiro visionamento e o último?**

As primeiras vezes nem conto. Só estás a ver o que fizeste mal e o que está mal no filme e podia estar melhor. É difícil libertar-me disso. Só à quinta vez é que começo a ver mesmo o filme. Já acompanhei muitos filmes na própria edição, portanto já muita vez tive de fazer esse trabalho de sugerir mudanças. Depois de o filme estrear, quando já não se pode fazer nada, ainda estou um bocadinho nisso, e sobretudo no meu personagem. Foi uma rodagem tranquila, sobretudo no Oeste, que contou com muitos figurantes locais. Como foi trabalhar com esses descendentes daquela história? É ótimo trabalhar numa história que as pessoas conhecem, e que ouvem desde pequeninos, e em que têm orgulho. Isso nota-se no ecrã, mesmo na figuração. Há uma vontade de estarem ali e de falarem daquilo. Sobretudo no caso dos figurantes, a rodagem é uma coisa absolutamente horrível. É demorada, e na verdade a maior parte do tempo é passada à espera. Se isto já é mau para um actor, para um figurante é mil vezes pior. É muito fácil sentir-se o seu cansaço, mas é engraçado notar-se aqui esta diferença. Estarem a fazer aquilo por-

que o avô esteve ali. **Encontraram esse tipo de relação de parentesco?**

Sim, em Torres Vedras muito. Mesmo as pessoas novas cresceram com isso. Olham para o forte e sabem que ali foi onde os franceses pararam. Há um lado histórico de orgulho que está ligado àquelas pessoas e terra. Aliás, ontem [segunda-feira] foi a antestreia em Torres e sentiu-se isso na sala. É uma parte importante de que se fala pouco na história. Acho que ainda hoje estamos a pagar a desgraça que nos aconteceu com as Invasões Francesas. Quando os franceses saíram, mais de metade de Portugal estava queimado, a corte foi para o Brasil, perdemos muitas coisas. É uma altura fundamental na nossa história e na da

**“Não faço um trabalho só por fazer. Gravo publicidades de voz para ganhar dinheiro e poder escolher”**

**“Já não posso fazer o Romeu. Já fiz, está feito. O que vale é que as peças têm pais, filhos e avós”**

**“Sou um hater de reality shows. Mas se as pessoas gostam que vejam. Não admito é falta de alternativa”**

Europa.

**A que ponto é que o filme é verosímil do ponto de vista da reconstituição histórica?**

É muito rigoroso em termos de reconstituição, mas não é um filme interessante na parte bélica, é sobretudo interessante na parte humana e no que acontece às pessoas quando existe uma guerra. Nesse sentido, é um filme português mas podia passar-se em qualquer guerra. É mais socialmente focado nos amores, nas amizades, nas relações entre classes e nacionalidades. Isso também aconteceu com o próprio elenco.

**Quem vos tem visto lá fora, sobretudo em festivais, reconhece essa universalidade?**

Sim, mas acho que a maior parte das pessoas não tinha era a noção de que

tinha sido algo tão grave para Portugal. Infelizmente não tivemos Goyas a pintar o que aconteceu. Foi muito mais falada a campanha de Napoleão em Espanha. Os próprios franceses desconheciam esse facto. De certa maneira acho que o filme também tem alguma relação com o que se está a passar hoje. Tal como a troika, também temos uma força que chega, que invade mas é bem recebida por algumas pessoas, e que depois se transforma numa guerra. Não sei se não estaríamos a precisar de mais uma linha de Torres antes que arda [risos].

**No caso do público francês, apesar de reverem uma derrota, o entusiasmo é o mesmo?**

É muito estranho, porque nunca um filme português estreou em Paris em 15 salas ao mesmo tempo, como agora. É a maior estreia de sempre em França, e o filme não é propriamente abonatório dos franceses. Temos a oportunidade de ver a guerra napoleónica do nosso ponto de vista, que é apenas uma parte de uma história muito rica. Se fossemos uma indústria como a dos EUA já tínhamos filmado os Descobrimentos, Camões, as chegadas a África, tudo. Temos poucos meios, e cada vez menos para contar essas histórias. Nesse sentido, este filme é uma mais-valia.

**Com nomes de peso no elenco a contribuir para a visibilidade.**

Sim, e houve uma coisa que nos uniu a todos. Não só o facto de querer contar esta história mas também de ser um filme-homenagem ao Raul Ruiz. A maior parte do elenco já tinha trabalhado com o Raul e tinha uma admiração enorme por ele. Muitas aceitaram vir fazer o filme já depois de ele ter morrido. Estávamos todos a trabalhar para o mesmo. **Mas sendo no final um filme de Valéria Sarmiento e não de Raul Ruiz?** Sim, o filme é sem dúvida da Valéria Sarmiento. Há como é óbvio ideias do Raul, e a maior parte do elenco já tinha sido

escolhido por ele. Eu já estava escolhido. O olhar é claramente da Valéria. Não é o filme que o Raul faria, é outro. E ainda bem. É impossível repetir o olhar de um realizador e ainda bem que não se fez essa opção, de tentar imaginar o que ele acharia.

**Quando fez casting com Raul Ruiz já era para o papel do sargento Francisco Xavier?**

Não, na altura até era para o Penabranca. Depois houve alterações de elenco. Todos os personagens foram mudando bastante, o que era normal nos filmes do Raul. Havia os actores com quem queria trabalhar e depois ia-os ajustando aos papéis.

**Como fez o trabalho para compor este camponês lançado à guerra?**

Essa foi a base do personagem. Quando li o guião, uma frase saltou-me à vista: “Sou soldado por acaso, de nascença sou lavrador.” É a base do personagem, representa aquelas pessoas que não têm nada a ver com a guerra e são obrigadas a entrar num conflito, e quando entram são tão heróis como os outros ou mais. Mas na verdade não é da sua natureza lutar. O engraçado no personagem é esse lado militar e rigoroso que quer expulsar os franceses, e o outro lado, muito humano.

**E a preparação militar? Já disse que não fez tropa sequer.**

Não fiz não [risos]. Mas tivemos uma espécie de instrução militar antes do filme, até porque aquelas armas não são propriamente leves nem fáceis de manejar. Tivemos mesmo armas verdadeiras.

**Muito anos antes do “Guerra e Paz” português, como lhe chamou Paulo Branco, como era essa fase em que não queria manejar armas mas ser uma espécie de Cousteau?**

É verdade, o que queria era filmar debaixo de água [risos]. Desde pequenino que ficava fascinado com os documentários dele, e nado desde os quatro anos. Sempre tive uma relação natural com a água, de temor e fascínio ao mesmo tempo. É a mesma relação que tenho com a representação. Havia um desejo profundo de filmar debaixo de água. Depois desisti. Devo ter percebido que biologia marítima era muito difícil em Portugal. Por

continua na página seguinte >>

Já não tem medo de interromper um espectáculo e chegou a fazê-lo quando se sentiu mal. Os receios de Nuno Lopes são outros. “Não ficar contente como espectador, lá está. Achar que se estivesse sentado não ia gostar. Se me agrada a mim estou a ser sincero com quem pagou o bilhete”

>> continuação da página anterior

causa da timidez, e como houve sempre um lado muito criativo em mim comecei a pintar.

#### Tinha jeito?

Não resultou nada. Não desenhava mal, mas quer dizer, perdeu-se um péssimo pintor. Depois comecei a fazer música com bandas de garagem, na Amadora. Era vocalista e guitarrista e percebi que havia uma relação que funcionava entre mim e o público, que conseguia gerir o espectáculo.

#### Como é que um tímido se agarra ao microfone?

Pois, era estranho. Há uma vontade de expressar que é maior que a timidez. É o que acontece com outros artistas. Não se consegue deixar de viver isso. Depois fui a um sarau em que a minha irmã ia dançar ballet e vi os alunos do António Feio a apresentarem um pequeno excerto de teatro. Devia ter uns 14 anos e pensei que era capaz de fazer aquilo. Inscrevi-me no curso do António Feio e comecei a ter aulas no Centro Cultural de Benfica. Três meses depois de começar percebi que era o que queria fazer.

#### Quando foi a grande estreia?

A profissional foi já depois de entrar no Conservatório, com 17 anos. Na primeira apresentação que fiz com o professor João Mota, o Luís Miguel Cintra precisava de actores para uma peça, a “Sete Infantes de Lara”. Convidou-me para trabalhar na Cornucópia, que ainda hoje é uma espécie de casa. No teatro, o Luís Miguel é o meu pai e a Cristina Reis é a minha mãe. Foi com quem aprendi a representar, a olhar para um texto. Sinto-me constantemente em dívida com eles por isso. Foi aí que se aprofundou a minha técnica, e sobretudo a minha ética teatral.

#### Como é a essa ética?

Quando estás numa companhia percebes facilmente o teu papel na relação com a arte, e não é um papel financeiro ou de estrelato. É uma disponibilidade e uma convicção verdadeira. Aprendes a fazer as escolhas que te interessam a ti.

#### Conseguiu sempre manter esse critério?

Sim. Não faço um trabalho só por fazer.

Por exemplo, gravo publicidades de voz para ganhar dinheiro, para poder ter a escolha de não fazer o que não me agrada como actor. Não me chateia nada dar isso de barato.

#### O que não lhe agrada como actor?

Já recusei projectos que não me interessam, alguns porque acho que não têm qualidade suficiente. Mas acima de tudo um actor ou artista deve prezar o que gostaria de ver como espectador. Aí estás a escolher não só a qualidade mas também se o projecto tem intimamente a ver contigo. Estás a ser honesto com as pessoas que o vão ver a seguir. A coisa que mais odeio é dizerem-me que tenho de pensar no público. O que é o público? Ontem vi um filme do Fellini e ele certamente não estava a pensar em mim quando fez o filme. O público sou eu. Se acabo um filme e quando o vejo me agrada, aí não me importo que posso desagradar a 80% das pessoas, porque fiz aquilo a acreditar que há um público que tem a ver comigo. Não posso trabalhar de outra maneira. Acho profundamente arrogante pensar que as pessoas gostam disto ou daquilo.

#### Já lhe aconteceu ver a sua opinião depois de participar num projecto?

Já me aconteceu não ficar contente com o resultado ou achar que errei ao escolher o projecto. Mas pronto, também falhamos. Já me aconteceu não gostar de uma coisa como espectador e isso ser aclamado por toda a gente. É muito difi-

“Quando me dizem que a crise é ótima para a criatividade, eu prefiro que haja menos criatividade”

“A maior parte dos cómicos são sozinhos e meio tristes, o que dá outro valor a representar”

cil ouvir elogios quando não se gosta do trabalho.

#### Já disse ter recebido prémios com os quais não concordava.

Sim, não digo quais, mas já me aconteceu.

#### E outros que ficaram por receber?

Não, como isso não é um objectivo... faz-me é confusão pensar em filmes ou peças que podiam ter sido um sucesso que na época não foram bem recebidas, nem entendidas na sua importância. Que injusto é, em relação a coisas menos boas que fiz.

#### Qual foi a peça em que lhe deu o badajo e tiveram de reembolsar o público?

Logo na primeira [risos]. Uma semana antes de estrear, estava a fazer Conservatório e tinha ensaios até à meia-noite na Cornucópia. Não dormia, não comia, e desmaiei num ensaio. Caí de frente e parti o nariz. Fui para o hospital mas lá estreei com uma coisa no nariz. Uma semana depois, quando voltei ao hospital, perceberam que não me tinham feito análises ao sangue. Não tinha fósforo, potássio, nem magnésio. Comecei a dormir e a comer bem mas isso já não chegava. Durante um espectáculo comecei a sentir o mesmo que sentira quando desmaiei e parei o espectáculo. Desculpem, mas não me estou a sentir bem [risos]. Foi um choque imenso mas já não penso que parar um espectáculo é a pior coisa que podes imaginar. É menos chocante para quem assiste do que os actores pensam.

#### Quais são os receios que sobrevivem então?

Ah, o de sempre. Não ir bem, correr mal. Não ficar contente como espectador, lá está. Achar que se estivesse sentado não ia gostar. Se me agrada a mim estou a ser sincero com quem pagou o bilhete. Há dias em que não estás à altura.

#### Ainda gostava de fazer de Variações, que era um dos desejos?

Havia esse projecto, mas entretanto foi escolhida outra pessoa, e ainda bem. Também envelheci e as coisas mudaram. Adoraria fazer mas já não tenho idade. É daquelas coisas que vão mudando. Há dez anos olhava para os textos e pensava que podia fazer este papel, agora posso fazer outros. Já não posso fazer o Romeu. Já fiz, está feito. Mas não era



hoje aos 34 anos que o ia fazer. O que vale é que as peças têm pais, filhos e avós. Vão aparecendo outros personagens. Eu agora já começo a fazer de pai. E já fez, no Alice.

Sim, e era mais novo. Mas pronto, à partida se fizer agora um personagem realista, se não é pai, devia ser [risos].

#### O salto para a televisão, e apesar de participações breves anteriores, marca o início da fase da comédia?

O primeiro grande programa de televisão foi o “Programa da Maria”, com a Maria Rueff. Muito porque já naquela altura a admirava pela qualidade e bom gosto inacreditáveis em termos de comédia. Quando me chamou depois do casting fiquei radiante. Aí está um programa que foi muito maltratado na altura. Apareceu na SIC num tempo muito específico, com o “Big Brother” na TVI. A audiência passou para o outro lado. E um programa de comédia raramente resulta na primeira série. Tem de haver uma identificação com o que te faz rir. Não é por acaso que na maior parte dos programas, se os primeiros três episódios resultam, ao episódio 30 as pessoas



não perdem. Demora, até no entrosamento entre os actores. As séries boas são a segunda a terceira. Com os “Contemporâneos” foi o mesmo. O “Estado de Graça” agora também não tem nada a ver com o que foi feito. Com o “Programa da Maria” era impossível competir com um “Big Brother”. A segunda série foi cortada em cima da hora, o que foi muito injusto.

**Mesmo hoje seria suicídio fazer um programa de humor à mesma hora da “Casa dos Segredos”?**

Acho ótima ideia, porque certamente eu iria ver. Mas essa falta de alternativa aos reality shows é um dos meus medos quanto ao fim do serviço público. “O Último a Sair” era mesmo uma crítica. Sou um hater confesso de reality shows. Mas se as pessoas gostam que vejam. Não admito é falta de alternativa.

**Não são ao mesmo tempo boa matéria-prima para o humor?**

Sim, mas prefiro que haja menos humor e mais qualidade. Quando me dizem que a crise é ótima para a criatividade, eu prefiro que haja menos criatividade. Pre-

firo ter um primeiro-ministro bom a ter um primeiro-ministro mau mas que dá para gozar. A comédia é ótima para apontar o dedo mas acho que já não é preciso apontar nada. Não há nada que possamos contar de novo na comédia. Estamos é num momento de mudar as coisas.

**“Custa-me muito não trabalhar. Sinto energia criativa e chateia-me não poder explorá-la”**

**“Ser dj é um hobby que arranjei para não ter de pensar em teatro e cinema o tempo todo”**

**Como é que alguém que não se considera muito bem-disposto se vê sob a pressão de fazer rir?**

Agrada-me o lado crítico. A maior parte dos cómicos são profundamente sozinhas e meio tristes, o que dá outro valor a representar. O que é preciso é estares divertido enquanto fazes comédia. Se visitares um plateau dos “Contemporâneos” parece que estás a lidar com pessoas de seis anos. Mas não sou propriamente uma pessoa divertida.

**Esperam isso de si quando o abordam na rua, para falar com O Chato, por exemplo?**

Esperam, sim. E dizem-me: “Estás com um ar tão triste” [risos]. É natural, eu percebo isso. Mas torna-se até desagradável quando é esperado que contes uma piada. Sinto isso até se for a uma casamento de família. Se 80% das pessoas não me conhecem sinto que há um olhar: “Ah, agora o que é que ele vai fazer de engraçado. Só está a comer, que estranho.” Há uma expectativa que não podes preencher.

**E reacções de público que não seja tanto da TV?**

É engraçado, porque como tenho feito muita coisa diferente, pela maneira como abordam já sei muito sobre a pessoa que o faz. O que ele me fala diz-me muito sobre o seu gosto. Falam-me do teatro, do “Alice”. Mas sim, mais pela comédia entre o público mais jovem. É raro ser uma abordagem desagradável, apesar de já me terem dito que não tinham gostado de coisas que fiz. Mas ainda bem.

**É dj. Tem mais hobbies nas horas vagas?**

Custa-me muito não trabalhar. Sinto constantemente energia criativa e chateia-me quando não a posso explorar. Dou por mim a ir ver ensaios de colegas. Ser dj é um hobby que arranjei para não ter que pensar em teatro e cinema o tempo todo. Há pessoas que apanham bebedeiras todos os sábados, eu toco todos os sábados para me esquecer do trabalho. E continuo a ser responsável por aquele tempo livre das pessoas, liderar a pista ouvindo o seu feedback. Portanto, quando não estou a fazer nenhuma das duas coisas, estou a trabalhar para elas.